



**INTERVENÇÃO DA SENHORA SECRETÁRIA DE ESTADO DOS
NEGÓCIOS ESTRANGEIROS E DA COOPERAÇÃO, TERESA RIBEIRO,
NO SEMINÁRIO DO CAMÕES, IP,**

SOBRE COOPERAÇÃO, CULTURA E LÍNGUA

Sessão de Encerramento

Fundação Gulbenkian, 9 de janeiro 2020

A teologia clássica é pródiga nos seus ensinamentos. Por isso, vale a pena convocar Jano, o deus romano da dupla face, que contempla simultaneamente o passado e o futuro, se queremos assegurar a coerência de quanto fizemos em matéria de cooperação, cultura e língua, ao longo dos últimos 4 anos, com os múltiplos desafios que, assim o antecipamos, 2020 nos trará.

Sei que ao longo de dois dias, este seminário, rico e inspirador no seu temário e nos protagonistas que o concretizaram, aprofundou debates, gerou novas ideias e estratégias, avaliou desempenhos, em suma, regenerou o impulso motivador essencial para que o Camões continue a desempenhar com a dedicação de sempre as suas múltiplas e exigentes tarefas. Por isso, são tão importantes os encontros como aquele que hoje termina.

É, pois, neste contexto que aqui deixarei o resultado do sobrevoo do que fizemos e o que projetamos como encargos maiores para 2020. E porque “Jano tem poder sobre todos os começos”, como dizia santo Agostinho, o que será não deve ser apenas o desfecho mecânico do que antes alcançámos, mas a atualização de uma visão clara do que entendemos que importa realizar.

Quero com isto reafirmar o que tenho dito em múltiplas ocasiões: só políticas públicas claras, coerentes e teimosamente duradouras nos permitirão, primeiro, atingir resultados e, depois, consolidá-los.

E não tenho, nem tal me seria consentido, uma visão verticalizada, não participada da conceção ou aplicação de tais políticas. No mundo interdependente e reticular em que vivemos, isso representaria uma contradição insanável, já que nele a sociedade tem o dever de participar no desenho e na implementação das políticas públicas.

Não me deterei no elenco detalhado do que fizemos em todas as áreas, apenas referirei o essencial que melhor ilustra o seu *rationale*, no contexto dos objetivos que nos propomos alcançar.

Em matéria de língua, a prossecução da sua internacionalização terá que assentar em 3 eixos fundamentais: a expansão, a densificação e a qualificação, já materializados, por exemplo:

- Na presença da Língua Portuguesa em mais geografias e organizações internacionais;
- Na mobilização de mais instrumentos, como sejam os leitores, as cátedras, os protocolos com as Universidades e as parcerias com os privados (e a título indicativo, mencionarei o programa da Empresa promotora da língua portuguesa);
- Na criação permanente de recursos ancilares fundamentais para o ensino de qualidade, de que são excelentes exemplos o Plano de Incentivo à Leitura, a Biblioteca Digital ou o Referencial de Português Língua Estrangeira.

Sem alterar o rumo ou abrandar o esforço em tudo o que tem vindo a ser feito para reforçar estes pilares fundamentais, voltarei a insistir na importância de continuarmos, em 2020, a apostar de forma mais ousada, na política dos 3C's, declinada:

- Em mais conteúdos nos meios digitais, aproveitando o seu poderosíssimo potencial de expansão;
- Num esforço acrescido em matéria de certificação das aprendizagens, pois sabemos que, hoje, quem aprende, quer disso comprovativo;
- Na aposta continuada na credenciação, ou seja, no reconhecimento da aprendizagem do português para efeito de acesso ao ensino superior, o que tem vindo, aliás, a conhecer progressos.

E não poderemos esquecer a responsabilidade gerada pela instituição do dia Mundial da Língua, que, em 2020, conhecerá a sua primeira celebração. O Camões aí estará para conduzir uma comemoração à altura do que todos esperamos.

Também a internacionalização da Cultura, através da Ação Cultural Externa, conheceu, num par de anos, avanços notáveis, mediante a realização de mais atividades culturais em mais Países (estimam-se 1600 ações, em 86 países, durante 2019).

Mas não se trata apenas de quantidade, mas igualmente de qualidade, de dimensão e de impacto das iniciativas levadas a cabo.

Neste capítulo incluo, claro está, as Feiras Internacionais do Livro em que Portugal teve presença destacada, merecendo alusão a de Guadalajara (a mais importante da América Latina), em 2018, mas com réplica em 2019. Este ano, Portugal estará em Leipzig, em antevisão daquela que será a sua participação como País convidado em 2021. Também em 2020 marcará presença em Lima, no Peru, como País tema.

As comemorações Magalhânicas e a preparação da componente cultural da Presidência Portuguesa do Conselho da União Europeia são outros dos desafios que o Camões terá entre mãos no ano que agora começou.

Sem esquecer nunca o seu valor e significado, únicos e intrínsecos, que não podem ser reduzidos a uma natureza ornamental, como dizia ontem o Cardeal Tolentino de Mendonça na sua extraordinária intervenção, a cultura é também um fator decisivo na internacionalização da nossa economia, não apenas pelo seu alto valor acrescentado, mas igualmente pelo incomparável contributo que é o seu para a imagem e o reforço do *soft power* do País.

Esta, aliás, a mensagem claríssima que, a propósito das nossas responsabilidades em matéria de diplomacia económica, o Ministro de Estado e dos Negócios Estrangeiros transmitiu ao conjunto dos diplomatas no seminário que teve lugar na segunda e terça-feira desta semana.

E termino com um brevíssimo balanço da cooperação e a antecipação daqueles que, em 2020, serão os desafios mais exigentes neste domínio.

Antes, porém, permito-me sublinhar que a cooperação não é um subproduto ou ornamento da política externa portuguesa, é sim parte integrante do seu *corpus* e instrumento incontornável da concretização dos seus objetivos maiores (na diplomacia económica, na materialidade que confere ao relacionamento com os países parceiros, na projeção internacional de Portugal)

Reitero aquelas que têm sido, e continuarão a ser, as orientações fundamentais, neste domínio:

- O reforço da Ajuda Pública ao Desenvolvimento;
- A continuidade da estreita parceria com a sociedade civil, em moldes que contribuam para o seu efetivo reforço e capacidade de atuação, traduzida, por exemplo, no aumento do financiamento às ONGD's em cerca de 170%, ou na renovação, por mais 4 anos, do contrato programa com a Plataforma que as representa, acompanhada de crescimento do seu financiamento (que passou de 120 mil euros para 150 mil euros);



- O robustecimento da nossa capacidade de resposta a situações de emergência humanitária, como ilustrado no caso de Moçambique, com a constituição de um Fundo, em parceria com o setor privado e com intervenção decisiva das ONGD'S, numa primeira fase para identificação das necessidades e, num momento posterior, para execução de projetos que visam trazer-lhes adequada resposta;
- A continuada aposta na cooperação triangular, pela conjugação de esforços e experiências de diferentes países que enriquecem a intervenção junto dos países parceiros;
- A diversificação de financiamentos, com recurso permanente a fundos comunitários (materializados na chamada cooperação delegada), que viabilizam a execução de projetos com uma escala que não tem paralelo nos alimentados exclusivamente pelo orçamento nacional (para além de outras externalidades positivas que produz, de que cito a maior exigência na formulação e condução de projetos, a participação do Camões em “consórcios” integrando grande diversidade de parceiros, reforço do orçamento do Instituto, por via das comissões de gestão);
- O incremento da relação com os Bancos Multilaterais de Desenvolvimento, que teve já concretização importante com o lançamento, com o Banco Africano de Desenvolvimento, do Compacto Lusófono, e a disponibilização pelo Banco Europeu de Investimento de linha de financiamento destinada a pequenas e médias empresas;
- A aposta na SOFID, traduzida na duplicação do seu capital social e na sua reorientação estratégica e robustecimento técnico, o que lhe permite assumir-se como ator significativo no Desenvolvimento (projetos num valor global de mais 124 milhões de €, dos quais cerca de 23 milhões € diretamente financiados pela SOFID, com criação de mais 5 400 postos de trabalho diretos, dos quais cerca de metade diz respeito a projetos apoiados por esta Instituição em 2019).

Mas importantes desafios se perfilam em 2020. E serei contida na sua enumeração.

No plano nacional, a adoção de uma Nova Estratégia para a Cooperação, processo político que queremos participado pelo conjunto de atores relevantes, sintonizado com a agenda internacional e europeia e amplamente ancorado nos objetivos maiores da Política Externa Portuguesa.

No contexto europeu, o envolvimento ativo na negociação do quadro financeiro da União Europeia, com previsão de fundos para a Ação Externa em níveis nunca antes consagrados. E associado a essa, a definição da futura arquitetura financeira do desenvolvimento, decisiva para Portugal, que entende que a solução que melhor defende os seus interesses é a manutenção do papel central do Banco Europeu de Investimento como protagonista da gestão dos instrumentos financeiros alocados ao desenvolvimento.

A revisão do Acordo de Parceria ACP-EU, vulgo Acordo de Cotonou, negociação a que Portugal atribui a maior importância, já que regula a relação da União Europeia com um conjunto muito alargado de Países, em que se incluem os Países prioritários da cooperação portuguesa.

Por último, em ordem de importância, a preparação da Presidência Portuguesa da União Europeia que, na sua vertente externa, elegeu África como prioridade.

Mas o que se fez e o que se fará, em todos os domínios que aqui evocámos, deve-se, sobretudo, ao imenso esforço quotidiano de quantos trabalham no Camões, na SOFID, na nossa Representação Permanente em Bruxelas. Com todos fica o penhor da minha gratidão.

Muito obrigada.